

A educação dos filhos é uma preocupação que afeta a maioria dos pais, de todas as categorias sociais, estejam casados ou separados.

A educação dos filhos pode ser subdividida em 3 grandes grupos: a Educação Social, a Educação Religiosa e a Escolarização. Até poucas décadas atrás a Educação Social era de competência exclusiva dos pais. A eles cabia a responsabilidade de ensinar o trato e o respeito das crianças para com pessoas mais velhas (e com as mais novas), questões de comportamento diante de estranhos e de familiares, a postura na mesa de refeições, o palavreado, o relacionamento com amigos e com o sexo oposto.

Eram os responsáveis pelo chamado “Ser Social”.

A estes mesmos pais cabia a indicação dos responsáveis pela Educação Religiosa.

Qualquer que fosse a crença professada pela família (inclusive a não-religião) o educador religioso escolhido tinha o dever de trazer os conceitos básicos (e mínimos) de ética, de consciência moral, de piedade, de humanização, da filosofia e da metafísica. Os educadores religiosos eram os responsáveis pelo chamado “Ser Humanizado. Indivíduo com Alma”.

Para a escola restava a difícil tarefa de trazer para a criança os conhecimentos adquiridos pelo homem no transcorrer de sua evolução. O uso correto da Língua nacional e estrangeira, a História do país e da civilização, os conceitos das Ciências Exatas e o respeito das coisas da natureza (e, conseqüentemente do planeta onde vivemos). Submeter-se ou não a um vestibular era uma conseqüência natural da profissão escolhida pelo novo cidadão. Afinal, todas as profissões são importantes quando o objetivo maior é promover e melhorar a qualidade de vida de todos.

Os tempos mudaram e os pais do século XXI envolvem-se cada vez mais com o trabalho, com o ganho de capitais, com a conquista de cargos, com o estudo, com o trânsito, com situações que tomam tempo antes importante no relacionamento com os filhos. Afastaram-se também dos deuses e dos conceitos de ética. Delegaram a socialização dos próprios filhos a funcionários domésticos e a aparelhos de televisão nem sempre adequados. Para alguns pais o “TER” sobrepujou o “SER”. E a justificativa para todos é a mesma: “sobreviver em tempos difíceis”.

Para o professor restou a impossível tarefa de, em algumas poucas horas do dia, socializar, humanizar e escolarizar.

Os conhecimentos adquiridos pelo homem cresceram exponencialmente.

O computador e sua rede mundial facilitaram a troca de informações e trouxeram um número tão grande de novos dados (bons e ruins) que a avaliação seletiva de ingresso aos bons cursos superiores transformou-se em uma batalha que só pode ser vencida por poucos. Bem treinados para o mercado de trabalho, estes poucos se salientaram na disputa pelo status

social. Nasceu o mito de que um diploma universitário é tudo que o indivíduo necessita para se dar bem na vida.

Para compensar a carência de cursos acessíveis a todos nasceram inúmeras universidades. Muitas de excelente gabarito. Muitas não. Surgem nos mercados profissionais mal treinados e de pouco conhecimento técnico.

Os pais, ansiosos para que os filhos se diferenciasssem dos demais vestibulandos, passaram a ter mais critérios no momento da escolha da escola ideal. A escola do bairro não serve mais. A escola onde eles estudaram também não. Ansiosos, passaram a exigir das escolas de seus filhos procedimentos alfabetizadores que se adequassem a crianças com 4 ou 5 anos de idade. A língua estrangeira também deve ser lecionada em tempo recorde e iniciada precocemente. Os filhos também devem praticar inúmeros esportes. Nasce a criança executiva. Tem agenda própria, um adulto que a desloque. Tem pouco tempo para brincar, sonhar, idealizar, ler livros infantis. Tem poucos amigos e pouco contato com crianças da família. Chega, enfim, o primeiro vídeo game e tudo se transforma. O indivíduo, antes agitado pela falta de brincadeiras próprias da idade é agora um ser tranqüilo que desfruta dos prazeres da máquina companheira.

Uma grande parcela da população infantil atinge o projeto idealizado pelos pais e pela sociedade. Uma parcela não.

São crianças que, já nas primeiras tentativas de alfabetização, mostram-se inábeis para interpretar uma simples letra. Interpretar uma sílaba é algo meramente impossível. Enquanto isso os colegas de classe são capazes de ler frases curtas e contar os numerais. Para os familiares destas crianças a justificativa é clara: a escola não presta um serviço de alfabetização adequado. Afinal são crianças saudáveis, que fazem tudo que as outras fazem (algumas coisas até melhor) e não conseguem aprender algo tão simples como ler e escrever. Para alguns educadores (que não receberam o treinamento adequado) trata-se simplesmente de imaturidade. Ou de surdez. Ou de baixa visão.

Outra parcela de crianças já chega às escolas sabendo ler e escrever. Aprenderam sozinhas, sem que ninguém lhes as ensinasse. Como já estão alfabetizadas destoam das demais no ambiente escolar. Não têm interesse em participar das atividades e atrapalham os demais. Interferem e agitam a sala de aula. Chamados a atenção têm na escola, nos professores e nos colegas pessoas desagradáveis e enfadonhas. Não querem mais ir a escola. Forçadas a ir, buscam outras atividades que possam satisfazer suas necessidades de aprender outras coisas. Fazem mais bagunça, desnorteiam o andamento do processo. Para os pais a justificativa é clara: a escola é muito fraca e os professores não sabem trabalhar a escolarização da criança. Para alguns educadores (que não receberam o treinamento adequado) trata-se simplesmente de falta de educação doméstica.

Uma terceira parcela chega a escola sem saber ler ou escrever. Alienados ao que acontece na sala de aula passam momentos olhando para o nada. Tropeçam, esquecem o material, relaxam em tarefas. Por mais que recebam orientação também não conseguem identificar uma palavra inteira. Os

pais tratam-na como preguiçosa e desinteressada. Para alguns educadores (que não receberam o treinamento adequado) a culpa é os pais pelo excesso de mimo e pela falta de estímulo adequado.

Existe ainda uma quarta parcela de alunos também chega a escola sem saber ler ou escrever. São crianças vivas e saudáveis. Correm pela classe, mudam constantemente de lugar, interferem na fala do mestre e nas atividades dos colegas. Os pais justificam que cabe a escola determinar os limites. Para alguns educadores (que não receberam o treinamento adequado) cabe aos pais a culpa pela falta de limites.

Enquanto a grande parcela da população infantil segue seu caminho, as demais seguem sofrendo. Chamados a escola para conversar, a maioria dos pais apresenta três reações padronizadas:

A primeira é a do pai ou da mãe que é bem sucedido e tem mais problemas a resolver que a escola do filho. Chegam para a reunião revoltados pelo tempo perdido. Surgem, via de regra, armados de computador portátil, diversos celulares que tocam o tempo todo. Não dão ouvidos para o educador e a tudo que lhes é apresentado justificam com a frase: “Eu também era assim. Sempre achei a escola uma chatice. Cheguei onde cheguei. Tratem de fazer a vossa obrigação que eu já faço a minha. Se vocês não têm competência para isso me informem que eu mudo meu filho de escola”.

A segunda reação é a dos pais que, após a explanação dos professores, mostram-se pasmos e assustados. “Como assim ? Meu filho ainda não sabe ler e escrever ? Mas ele é uma criança absolutamente normal ! O que vocês estão fazendo com ele ? Estão perdendo tempo ? Que raios de escola é esta ? Vou mudá-lo imediatamente para uma escola melhor que esta !”

A terceira reação é a dos pais que já perceberam que algo não estava indo bem. Não procuraram a escola por medo do que iriam ouvir. Chegam para a reunião com algumas dúvidas e saem com muitas dúvidas. A frase habitual é: “puxa, eu já percebi que havia algo errado há muito tempo e somente agora a escola percebeu ? Que faço agora ? Quem poderá me esclarecer melhor o que está acontecendo? Mudo meu filho de escola ? Quando perguntei isso ao pediatra do meu filho ele nunca me disse nada que pudesse evitar esse momento ? O que é que eu faço ?”

E assim estas crianças mudam freqüentemente de escola ou passam para a série seguinte sem as condições adequadas para aprender.

Podemos dividir os problemas relacionados a aprendizagem em: Dificuldades de Aprendizagem e em Distúrbios de Aprendizagem.

Dizemos que uma criança tem dificuldades de aprendizagem quando detectamos um problema que, uma vez resolvido, tudo volta a normalidade. Um aprendiz com miopia, por exemplo, que nunca foi levado a um Oftalmologista não consegue enxergar a lousa. Com óculos passa a vê-la e consegue aprender. Outro com baixa audição também não entende o que o

professor diz. Colocado o aparelho auditivo tudo volta ao normal. Uma criança que não consegue se adequar ao método proposto pela escola também sofre. A mudança (do método ou da escola) resolve a questão.

Assim, as dificuldades de aprendizagem mais comumente encontradas são:

1. Imaturidade – cada indivíduo tem seu tempo de maturação. Pais e escola ansiosos por resultados podem não perceber que a criança não está no momento certo para o que lhes é proposto;

2. Método de ensino – cada escola escolhe seu método de trabalho e, dependendo do número de alunos que tem não consegue adequar um método diferenciado para aquela criança específica;

3. Deficiências sensoriais – a surdez parcial e a baixa visão provocada pelo não uso ou pelo uso inadequado dos óculos interfere no aprendizado. Alguns pais e pediatras “esquecem” de procurar especialistas. Muitas crianças por vergonha dos óculos ou de aparelhos auditivos escondem a deficiência dos pais;

4. Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade - O transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) é um dos transtornos mais comuns da infância e adolescência, afetando entre 3 por cento a 6 por cento das crianças em idade escolar. Essa doença mostra inúmeros sintomas (heterogeneidade clínica) e tem como pontos marcantes do diagnóstico os sintomas de desatenção, hiperatividade e impulsividade. Embora as causas precisas do TDAH não estejam esclarecidas, a influência de fatores genéticos é fortemente sugerida por trabalhos científicos. Ainda não existe consenso quanto ao tratamento ideal da doença. O tratamento medicamentoso, associado a psicoterapia parece ser o mais adequado neste momento. Uma vez em tratamento a criança está em condições de iniciar o processo de aprendizagem.

5. Distúrbio Afetivo-Emocional – Muitas crianças não conseguem acompanhar o ritmo executivo que lhes é imposto. Outras não conseguem aceitar o momento de conflito dos pais. Outras, ainda, são usadas por pais e mães mal intencionados no momento da separação. Existem aquelas, também, que não conseguem conviver com a perda (qualquer que seja). Aparece a depressão que pode se manifestar de diversas maneiras. Identificado e tratado o problema a criança está em condições de aprender.

6. Contexto sócio-econômico-cultural – Aprender depende de estímulo. A busca pela leitura e pela escrita também. Existem lares que não têm livros nem revistas. Existem pais que não gostam (ou não sabem) ler. Outros falam errado e escrevem mal e ensinam seus filhos a forma que usam para se expressar.

7. Superdotação Intelectual - A escola é a área da vida onde o superdotado pode apresentar o melhor ajuste ou o pior desajuste. Tanto sua capacidade superior pode ajudar-lhe nos estudos e contribuir para um desempenho excepcionalmente bom, como a mesma capacidade pode levar ao tédio, aborrecimento ou rebeldia, capazes de provocar desempenho insatisfatório.

Além disso, dificuldades tendem a surgir devido ao fato do superdotado ser um indivíduo excepcionalmente inteligente mergulhado num mundo de pessoas com intelecto mediano. Este fator pode gerar uma série de dificuldades de adaptação. Alguns pesquisadores descrevem que uma criança de QI 140 aproveita apenas 50% de uma aula comum, sendo o resto, para ela, apenas a tediosa repetição do óbvio. Informam também que uma criança com um QI 170 praticamente nada aproveita das aulas normais. Estes alunos precisam de um atendimento educacional diferenciado, ou seja, preparado para dar-lhes o tratamento adequado.

É importante frisar que não existem estatísticas brasileiras que possam quantificar as dificuldades de aprendizagem.

Distúrbios de Aprendizagem

Dizemos que uma criança tem um distúrbio de aprendizagem quando detectamos um problema que não tem solução médica ou terapêutica definitiva.

Os distúrbios são classificados, didaticamente em:

1. Dislexia – A palavra dislexia significa dificuldade de leitura. É uma doença classificada no Código Internacional de Doenças (em sua 10ª versão também chamado de CID-10 – Este código é usado em todos os países e referencia o que é doença do que não é doença). Chamamos de Alexia quando o indivíduo não consegue ler absolutamente nada. A chamada dislexia adquirida acontece por uma lesão em uma área do cérebro denominada pelos médicos como “temporal inferior esquerda”. Esta doença pode aparecer em qualquer idade. A lesão é provocada por falta de oxigenação durante a gestação, por trauma, por tumor ou ainda por doenças degenerativas como diabetes e hipertensão que provocam os chamados acidentes vasculares encefálicos também conhecidos por “derrame cerebral”. Não existem dados estatísticos brasileiros e internacionais para esta doença. A chamada Dislexia de Evolução ou Dislexia do Desenvolvimento ou Dislexia de Propriocepção (cada pesquisador dá um nome que julga ser o mais apropriado) não tem causa específica que justifique seu aparecimento. A maioria dos exames neurológicos, radiológicos e eletrofisiológicos são normais. As estatísticas internacionais falam números da ordem de 4 a 6% da população. Não existem dados estatísticos nacionais para essa doença. A criança pode apresentar qualquer um dos seguintes sintomas:

1.1. identificar a maioria das letras sem conseguir formar sílabas. Letras com aspectos físicos semelhantes podem ser informadas de maneira espelhada (“b” com “p”, “b” com “d”, “5” com “2”, etc...)

1.2. silabação – a criança consegue formar sílabas mas não entende o significado da palavra. Lê “ca” e “sa” mas não associa com a palavra casa. Outras crianças conseguem silabar e dar significado a palavras simples. Não conseguem entender encontros consonantais – exemplo “ab” - “reu” a “por” – “ta”.

1.3. Lêem mas não entendem o texto. A criança lê textos simples e não consegue entender o que leu. Quando alguém lê o mesmo texto para ela, ela compreende perfeitamente o texto lido.

Estudos realizados em Portugal, França e Brasil mostram que alguns portadores deste tipo de dislexia mostram alterações posturais. O conjunto destas alterações posturais constituem uma Síndrome denominada Síndrome do Deficit Postural. Estes mesmos pesquisadores acreditam que estes pacientes têm uma alteração em uma área do sistema nervoso conhecida como Sistema Proprioceptivo e demonstram que o uso de lentes especiais montadas em óculos (conhecidas como lentes prismáticas) colaboram sobremaneira no tratamento. Estas lentes não devem ser confundidas com as lentes coloridas (também chamados filtros coloridos ou filtros de Irlen) usados arbitrariamente por alguns e que já demonstraram não ter resultado adequado. No aspecto externo os óculos montados com lentes prismáticas em nada diferem de um óculos normal. A diferença básica está na confecção da lente (que é triangular) e na montagem desta lente na armação.

Uma vez com as lentes prismáticas estas crianças devem receber acompanhamento terapêutico adequado com Psicopedagogo, Psicólogo e Fonoaudiólogo, além de receber atendimento diferenciado no ambiente escolar. Não há dislexia mais fácil ou difícil de ser tratada. O que existe sim é a necessidade de empenho da escola, da criança, da família e do terapeuta até que o indivíduo possa “trabalhar” a doença da maneira mais adequada para seu dia a dia.

2. Disortografia – A criança apresenta transtorno para escrever. Também é uma doença classificada no Código Internacional de Doenças. É importante salientar que “letra feia” não é disortografia. Chamamos de Agrafia quando o indivíduo não consegue escrever nada. Não são conhecidas causas para esta doença. A escrita do paciente disortográfico pode aparecer de várias maneiras:

2.1. não há como entender o que foi escrito. É possível adivinhar algumas palavras mas o texto é desconexo. Não há pontuação e também não se respeita a linha do caderno;

2.2. o texto é marcado por falta de pedaços. Não há começo-meio-fim. Algumas palavras não são reconhecidas. Não há pontuação e também não se respeita a linha do caderno;

Não existem estatísticas nacionais e internacionais confiáveis a respeito desta doença. É comum aparecer concomitantemente a dislexia.

3. Discalculia - A criança apresenta transtorno no aprendizado da matemática. Também é uma doença classificada no Código Internacional de Doenças. Chamamos de acalculia quando o indivíduo não consegue realizar nenhum cálculo matemático, por mais simples que seja. Não são conhecidas causas para estas doenças. A discalculia pode se apresentar na criança das seguintes maneiras:

3.1. Discalculia Linguística: a criança não é capaz de compreender ou nomear termos, operações ou conceitos matemáticos e transpor problemas escritos para símbolos matemáticos;

3.2. Discalculia Perceptiva: a criança não é capaz de reconhecer ou ler símbolos numéricos ou aritméticos e agrupar objetos em conjuntos;

3.3. Discalculia Atentiva: a criança não é capaz de copiar corretamente números ou cifras, lembrar de somar os números “levados” e observar os sinais das operações;

Matemáticas. Não é capaz de seguir etapas matemáticas, contar objetos e aprender as tabuadas.

Em geral a Discalculia é encontrada em combinação com quadro de Dislexia e /ou Disortografia, mas pode ocorrer isoladamente.

4. Doenças Psiquiátricas – Psicoses – várias doenças psiquiátricas podem se manifestar na criança como uma dificuldade para aprender. A mais comum é a doença chamada Transtorno Bipolar. Nesta doença a criança alterna momentos de felicidade e euforia inexplicáveis com momentos de depressão injustificada. Esta oscilação de humor pode acontecer durante o mesmo dia ou de um dia para outro ou ainda em espaço maior de tempo.

5. Deficiências Físicas irreversíveis – A surdez, a cegueira, a baixa visão profunda, a falta de um membro ou sua incapacidade e a deficiência mental também se enquadram nos distúrbios de aprendizagem. O indivíduo necessita educação especial e inclusiva com técnicas próprias para que possa desenvolver suas potencialidades. Incluem-se aí o Braille, a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e outros recursos.

6. Autismo – Existe uma forma branda de autismo conhecida como Síndrome de Asperger. Autismo e síndrome de Asperger são entidades diagnósticas em uma família de transtornos de neurodesenvolvimento nos quais ocorre uma ruptura nos processos fundamentais de socialização, comunicação e aprendizado. As estatísticas nacionais são semelhantes às internacionais e mostram que o distúrbio afeta aproximadamente 1 em cada 200 indivíduos. Aceita-se que tenham transmissão genética.

CRDA – CENTRO DE REFERÊNCIA EM DISTÚRBIOS DE APRENDIZAGEM

É uma empresa privada que tem dois objetivos básicos:

1. Ensino e Pesquisa – No 3º andar do Edifício situado a Rua Estela nº 96 em São Paulo funcionam as instalações de ensino e pesquisa do CRDA. Com seus cursos livres o CRDA procura conscientizar pais, professores, donos de escolas, fonoaudiólogos, médicos, psicólogos e outros profissionais da existência e da importância do reconhecimento destas doenças. Nos cursos de Pós Graduação (reconhecida pelo MEC) o CRDA especializa indivíduos que irão atuar no ambiente escolar junto aos portadores de dificuldades e distúrbios de aprendizagem (Pós Graduação em Distúrbios de Aprendizagem e em Educação Especial). A Pós Graduação em Psicopedagogia Clínica especializa profissionais no diagnóstico e no tratamento dos distúrbios, nesta área do conhecimento. Estes cursos são pagos e ao final é fornecido Diploma de Especialização. Podem, em casos especiais e específicos, ser concedidas

bolsas de estudo parciais. Na pesquisa nossos profissionais atuam junto a universidades nacionais e internacionais de renome.

2.Diagnóstico e Tratamento - No 2º andar do Edifício situado a Rua Estela nº 96 em São Paulo funcionam os consultórios do CRDA. Nesta clínica atuam indivíduos de diversas áreas do conhecimento médico e terapêutico com finalidade de Diagnóstico e Tratamento das dificuldades e dos distúrbios de aprendizagem. O atendimento é exclusivamente particular e não se aceitam convênios médicos. Casos estritamente selecionados poderão ser atendidos com desconto ou gratuitamente.